

## LA ZATTERA DI PIETRA

Collana diretta da Giovanni Borriero, Giovanni Cara, Barbara Gori

### Comitato scientifico

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Manuel Ferreiro (Universidade da Coruña)  
Giorgio de Marchis (Università di Roma Tre)  
Carmen Mejía Ruiz (Universidad Complutense de Madrid)  
Carlo Pulsoni (Università degli Studi di Perugia)  
Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora - Portogallo)

### Comitato editoriale

Stefano Bazzaco (Università di Verona)  
Ivo Elies Oliveras (Scuola Superiore Meridionale)  
Maria Aparecida Fontes (Università degli Studi di Padova)  
Guia Minerva Boni (Università L'Orientale di Napoli)  
Santiago Serantes Blanco (Università degli Studi di Padova)

I volumi della collana sono sottoposti a procedura di *double peer review*.

## ESTUDOS PARA MÁRIO CLÁUDIO

Organização  
Barbara Gori  
José Vieira

*Antonio Sáez Delgado*

*cleup*

Mário CLÁUDIO, *La fuga in Egitto*. A cura di Cecilia Pero, Palermo, Sellerio editore, 2001.

Mário CLÁUDIO, *A Fuga para o Egipto* (Lisboa, Quetzal Editores, 1987), in *Idem, O Anel de Basalto e Outras Narrativas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 97-159, 2002.

Renzo VILLA [e] C. F. Giovanni VILLA, *Tiepolo*, Cinisello Balsamo, Silvana Editoriale, 2013.

## Mário Cláudio, Bernardo Soares e os pequenos deuses que viajam

*Dionísio Vila Maior*

Universidade Aberta | CLEPUL | CEG-UAb

1. Num texto provavelmente de abril de 1930 do *Livro do Desassossego*, Bernardo Soares, semi-heterónimo de Fernando Pessoa, escreve o seguinte:

Se houvesse de inscrever [...] a que influências literárias estava grata a formação do meu espírito, abriria o espaço ponteadado com o nome de Cesário Verde, mas não o fecharia sem nele inscrever os nomes do patrão Vasques, do guarda-livros Moreira, do Vieira caixeiro de praça e do António moço do escritório (LD, fragmento 130)<sup>15</sup>.

Ainda num outro texto, de maio de 1931, do mesmo *Livro*, confessa:

O único viajante com verdadeira alma que conheci era um garoto de escritório que havia numa outra casa, onde em tempos fui empregado. Este rapazito colecionava folhetos de propaganda de cidades, países e companhias de transportes; tinha mapas [...]; tinha, recortadas de jornais e revistas, ilustrações de paisagens, gravuras de costumes exóticos, retratos de barcos e navios. [...] Não só era o maior viajante, porque o mais verdadeiro, que tenho conhecido: era também uma das pessoas mais felizes que me tem sido dado encontrar (LD, 452)

<sup>15</sup> Para as referências ao *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, teremos por base referencial o *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*, organizado por Manuel Portela e António Rito Silva (<https://ldod.uc.pt/>), e seguiremos a edição de Richard Zenith, com a respetiva indicação do número do fragmento do *Livro*.

Evoco uma terceira citação de Bernardo Soares (de 16 de dezembro de 1931) onde este recorda a despedida do «moço do escritório» António; aí confessa com emoção:

Foi-se hoje embora, disseram que definitivamente, para a terra natal que é dele, o chamado moço do escritório, aquele mesmo homem que tenho estado no hábito de ver e ouvir como parte desta casa humana, e, portanto, como parte de mim e do mundo que é meu. [...] O que se partiu hoje, pois, para uma terra galega que ignoro, não foi, para mim, o moço do escritório: foi uma parte vital, porque visual e humana, da substância da minha vida. [...] Meu Deus, meu Deus, o moço do escritório foi-se embora (LD, 279).

Nestas palavras (que consolidam, em primeira e última instâncias, a formulação dialógica do texto literário), não deixa de ser sintomático o valor expressivo conferido por Bernardo Soares a um jovem «moço do escritório», António de seu nome, acabando o *outro eu* pessoano por enfatizar o efeito desse «único viajante com verdadeira alma» na «formação do [...] [seu] espírito», «viajante» esse que Soares já considerava «como parte de [...] [si] e do mundo que [...] [era seu]».

Ora, estes intuitos sustentam-se num plano que acaba por ilustrar um posicionamento particular do *eu* perante o mundo que o rodeia, com o qual contacta ou que recorda. Qualificando-se como um «sonhador exclusivamente», cujo «hábito único de sonhar» lhe concedeu «uma extraordinária nitidez de visão interior» (LD, 512-b), confessando que nunca escreverá «uma página que [...] [o] revele ou que revele alguma coisa» (LD, 149), desvestindo-se do seu «próprio ser» e convertendo-se continuamente «na ficção de [...] [si] mesmo» (LD, 456), prolongando em si «um perpétuo desenrolamento de imagens, conexas ou desconexas, fingindo sempre de exteriores» (LD, 342), Bernardo Soares vai fixando, em jeito de aparência memorialística, a reconstituição de um *eu*, permitindo, desse modo, que a presença da linguagem se presentifique, e o presentifique.

2. Por esse prisma se poderá conceber o seu *Livro do Desassossego* (que qualifica não como um registo autobiográfico, antes como «impressões sem nexos», como «autobiografia sem factos», ou como

«a [...] [sua] história sem vida» [LD, 12]). Pode, portanto, entender-se o *Livro do Desassossego* como um conjunto de fragmentos textuais por onde um narrador se vai revelando em construção, na apreensão de experiências (reais, ou imaginadas) julgadas por si importantes. Por essa ótica, portanto, o narrador é seletivo, na sua construção parcelária de sentidos, interpelando zonas lembradas, ou imaginadas.

Contudo, por outro lado, vai destruindo o engano da memória, já que, efetivamente, o *Livro do Desassossego* é um livro não para recordar ou recuperar o vivido, antes para esquecer a vida. Nesse sentido, se bem que servindo uma dinâmica constitutiva da identidade do seu narrador, incorpora uma lógica do esquecimento: «Escrever é esquecer», recorda; e a literatura «é a maneira mais agradável de ignorar a vida», porque a «simula» (LD, 116).

Naturalmente que não se trata aqui de apontar o cunho memorialístico do *Livro* (que, na sua essência, definitivamente, não possui), quando por tal cunho se pode de igual modo entender: a construção/reconstrução de imagens de um passado vivido para construir o presente e projetar o futuro; a relação, concreta, real, do eu com os outros, vivida num contexto histórico, geográfico, social; o distanciamento do sujeito de si mesmo para se retratar no passado, recorrendo com variável justeza à anotação calendarística no seu grau de retrospeção, ou outorgando a esse texto de perfil tão próprio a veracidade mais vivencial do que documental (na qual o carácter inventivo da memória vai emergindo aqui ou ali).

Nesse sentido, Bernardo Soares vai abordando a cidade de Lisboa, o Tejo, a Baixa lisboeta, as suas rotinas quotidianas, as viagens, os passeios, o trabalho no escritório, algumas vivências quotidianas onde por vezes comparecem as figuras do Patrão Vasques e de alguns colegas de escritório, sintonizando por esse lado a sua escrita com a documentação de um determinado *real*. Porém, ainda que parcas, essas referências (regidas poeticamente por um narrador que se apresenta como «transeunte incógnito» [LD, 265]) encontram-se disfarçadas pelas descrições dos estados de alma desse «viajante incógnito» (LD, 138), transformando-se, assim, a referência ao quotidiano em divagações e reflexões sobre essas divagações.

O que para já nos parece significativo realçar, no que ao *Livro do Desassossego* diz respeito, são os procedimentos de que o narrador se serve para enunciar uma atitude oscilante, assim se esboçando uma discursividade literária que vacila entre a escrita poética de uma memória específica e uma indexação diarística do sujeito a um real particular, quer com a desconstrução do autobiográfico, quer ainda com a busca identitária do narrador.

Como se pode ver, encontra-se sublinhado nestas palavras o peso de uma *discursividade* acarretada por um tipo particular de *escrita* literária. Pelas consequências a que necessariamente conduzem e focando-se a nossa atenção na operacionalidade no texto literário, elas abrem caminho para termos e conceitos vertebrais: refiro-me essencialmente aos termos e conceitos ‘auto-reflexividade’, ‘ficcionalidade’, ‘pacto de leitura’, ‘sinal dialógico’, ‘carnavalização’, ‘alteridade’ e ‘escrita literária’.

3. É sabido como a ampla e polifónica produção literária de Mário Cláudio deve ser encarada como uma prática compassada com uma especificidade dialógica significativa que tende variavelmente para uma laborada demarcação técnico-literária da matéria literária, a que uma auto-reflexividade não é alheia — o que leva, aliás, Daniel-Henri Pageaux a considerá-la um «eixo à volta do qual se organiza o texto romanescos» de Mário Cláudio, «desde *Amadeo* até *Retrato de Rapaz*» (Pageaux 2018: 144). É conhecido o jogo dialógico do Texto claudiano com figuras da literatura e da cultura nacionais e internacionais: Leonardo da Vinci, Goya, Camões, Eça, Camilo, Nobre, Amadeo, Guilhermina Suggia, Rosa Ramalho, Pessoa e Bernardo Soares são alguns dos interlocutores desse “historiador de biografias secretas ou de biografias possíveis”, para quem «Todas as biografias são ficção» (Lagartinho 2010). Por seu lado, Martinho Soares alerta ainda a este propósito para o facto de as «biografias claudianas» se “afastarem” da «da biografia histórica e académica» e das «biografias de conveniência» (Soares 2019: 62)

Ora, ao lado de outras linhas temáticas, como o sagrado, o maravilhoso, a relação com as diversas artes, a propensão para a

representação do espaço citadino (e, em particular, do espaço nortenho), a calculada falta de objetividade e de verificabilidade assume-se justamente como um dos elementos de maior representatividade (sobretudo) na narrativa deste desconstrutor e *factor* permanentes, que cria, plasma, modela, imagina, inventa e ‘representa’ (no sentido ingardiano).

Também por isto se poderá entender o texto literário enquanto texto ficcional que realiza atos ilocutivos (com regras naturalmente diferentes das dos atos ilocutivos da comunicação linguística), pretendendo-se desse modo realçar que o texto literário ficcional se pode conceber em termos de ‘fingimento’, já que o que caracteriza o discurso ficcional são requisitos, como, entre outros: a suspensão das regras semânticas; a não-seriedade das enunciações; a não obrigatoriedade de responder a critérios de verdade; a corporização de convenções que suspendem a ligação ao real que normalmente se faz através dos atos ilocutórios (cf. Searle 1982).

Além disso, a ficcionalidade é “contratual”, devendo o leitor aceitar o jogo da ficção trabalhada e oferecida pelo autor, autor esse que tem a legitimidade de certificar o seu trabalho como uma solução técnico-literária ‘fabricada’ e ‘resumida’, pela re-criação com que se compromete. Numa entrevista concedida em 2008 a Pedro Dias de Almeida, Rui Manuel Pinto Barbot Costa confessava que o seu alteronímico Mário Cláudio trabalhara o livro *Boa Noite, Senhor Soares* «nos antípodas do trabalho de um estudioso, de um académico», sublinhando que esse livro «não é uma análise da figura», antes «uma síntese da figura de Bernardo Soares» (Almeida 2008). E, nesse «jogo de ficções», como ressalva Paula Arnaut, torna-se, então, evidente a preocupação de Mário Cláudio com o grau de eficácia dos impulsos literários discursivos libertos da constrição rígida da simples revisitação — no caso, do *Livro do Desassossego*.

4. Em *Boa Noite, Senhor Soares*, somos transportados até à cidade de Lisboa da década 30 do século XX pelo olhar do narrador António da Silva Felício, que vem de Escalos de Cima (Castelo Branco) para Lisboa, para ser «aprendiz de caixeiro» (Cláudio 2008: 11) no

escritório Vasques & C<sup>a</sup>; trata-se do mesmo escritório onde trabalha o Senhor Soares, figura fascinante aos olhos do narrador, escritório esse que o semi-heterónimo pessoano denomina como «firma obscura» (LD, 302).

É certo que, como apontou José Vieira (Vieira 2014: 68 ss), o Senhor Soares e Bernardo Soares, sendo diferentes (no que diz respeito ao registo de escrita, à profissão e à morada), têm características em comum: foram órfãos muito cedo; ambos são fisicamente parecidos, com traços supra-segmentais idênticos; ambos escrevem no Livro de Razão; ambos têm uma vizinha pianista (ainda que aqui haja alguns divergências).

Para além disso, são ambos viajantes imóveis, que viajam no seu espírito por lugares, paisagens, pessoas, rubricados que são (o Senhor Soares e o Bernardo Soares) pela mobilidade mental autorizada pelo investimento subjetivo das suas viagens imaginárias.

«A ideia de viajar», escreve Bernardo Soares no fragmento 265, «seduz-me por translação [...]. Toda a vasta visibilidade do mundo me percorre, num movimento de tédio colorido, a imaginação acordada [...]» (LD, 265). Num outro fragmento textual, o 451, escreve também: «Para viajar basta existir. [...] Se imagino, vejo. [...] É em nós que as paisagens têm paisagem» (LD, 451). Para além desse fragmento, encontramos um outro, o 373, onde revela que «A vida é [...] uma viagem do espírito através da matéria [...]. Há, por isso, almas contemplativas que têm vivido mais intensa, mais extensa, mais tumultuariamente do que outras que têm vivido externas. O resultado é tudo» (LD, 373).

Entretanto, também «O único viajante com verdadeira alma» que Bernardo Soares conheceu, o narrador António Felício, encontra-se arrolado pela viagem imaginária, permitida pelos folhetos sobre lugares que gostaria de conhecer:

Virei-me com receio, erguendo os olhos, dei com o senhor Soares ali de pé, e juro que vi, sucessivamente reflectidos nas lentes dos óculos redondos, o maciço dos Cárpatos, um templo em Bornéu, e uma ilha minúscula no mar das Antilhas. Aflorou-me então aos lábios o tal “Boa noite, senhor Soares” que de novo não consegui articular. E eis que seria ele, o poeta,

quem me saudaria num murmúrio, dirigindo-se logo a seguir para a porta de saída, com um “Boa noite, meu viajante”, que nunca mais esqueci, e que bem se percebia ter-lhe subido do fundo da alma (Cláudio 2008: 61).

Repare-se ainda nos predicados dialógicos em sentido bakhtiniano entre *Boa Noite, Senhor Soares* e o *Livro do Desassossego*. Lembro: a foto tirada ao grupo de trabalho do escritório pelo fotógrafo «encarregado pelo senhor Camacho» (Cláudio 2008: 22), o tal [...] *sócio capitalista aqui da firma, sempre doente em parte incerta* (LD, 56); o “espírito do lugar”, herdado, como disse Álvaro Manuel Machado (Machado 2018), visível na descrição feita pelo narrador António Felício de ruas, personagens, barulhos de Lisboa, por onde o Senhor Soares se desloca, «por entre aquela gente que já morreu, e que se encaminha para um horizonte sempre ilusório, mas sempre promissor de eternidades» (Cláudio 2008: 48), por entre um *nevoeiro leve da manhã de meia-primavera* (LD, 458); os passeios do Senhor Soares «pela Rua Augusta, pela Rua da Prata, pela Rua dos Douradores, e pela Rua dos Fanqueiros [...], maravilhado e dorido por essa gente que transita» (Cláudio 2008: 53-54), ou *Entr[ando] no barbeiro no modo do costume* (LD, 481); os percursos pelo Jardim da Estrela, «o qual se estende» «como o fantasma de um parque antigo, dos séculos antes do descontentamento» (p.56) ou «desencanto da alma» (LD, 504).

Para além de tudo o mais, em *Boa Noite, Senhor Soares*, encontramos: o «anti-herói» António Felício (Lucas 2008) que vai construindo linhas narrativas pontuadas por diversos episódios, vistos, recordados, imaginados, ouvidos... uma linguagem pontilhada por marcas linguísticas próprias, típicas do espaço linguístico lisboeta; o desenvolvimento (como confessou Mário Cláudio [Almeida 2008]) de uma «declaração de amor» à cidade de Lisboa, «apesar de toda a paisagem social e humana desta [...] [cidade] dos anos 30 ser terrivelmente deprimente...»; a concretização literária de um desafio que o escritor Mário Cláudio lançou a si mesmo: «fazer intervir na criação ficcional portuguesa a adolescência» (Almeida 2008).

5. Entretanto, também pelo olhar do narrador vamos encontrando diversas personagens apadrinhadas pelo *Livro do Desassossego*: o

patrão Vasques, os colegas de trabalho e o admirado, reverenciado e inacessível “poeta” Senhor Soares — personagem omnipresente (quase de forma obsidente) em toda a narrativa, e que o jovem António da Silva Felício ficciona, respeita e admira, tão ao gosto do seu “criador de afetos”, autor também de *Retrato de Rapaz* (2014) e *d’O Fotógrafo e a Rapariga* (2015).

É, entretanto, o mesmo adolescente narrador quem (por planeada insubordinação carnalizadora do autor) chega até a pensar que a «sabedoria» do Senhor Soares virá, «com toda a certeza», de uma unha do pé, uma «unha por aparar», uma «unha dura e encardida», chegando mesmo a acreditar que isso será «um sinal de Deus» (Cláudio 2008: 77).

E se é certo que esse momento desembauila de certo modo as virtualidades significativas dependentes dos qualificativos de respeito e admiração que, ao longo da narrativa, distanciam o “poeta” do narrador, não é igualmente menos certo haver outros momentos que destroem essa inacessibilidade (pelos atributos de cumplicidade e quase familiaridade que transportam): o Senhor Soares oferece ao narrador um barco, «um barquinho de alçaço pautado, e com este nome no casco, desenhado a lápis, *António*» (Cláudio 2008: 20); o Senhor Soares abraça sentidamente o narrador — que, comovido, se despede, para regressar à sua terra:

O senhor Soares abriu os braços magríssimos, um pouco trémulos [...], e caí neles como se me despenhasse na salvação. Senti o soluço que lhe pôs a estremecer o peito, e ouvi-o murmurar baixinho, e junto à minha orelha, “Até sempre, António.” [...] ainda hoje escuto essa voz muito firme, a minha, ou a do homem que em mim nascera, articular apesar das lágrimas que me contraíam a garganta, “Boa noite, senhor Soares” (Cláudio 2008: 89).

Acrescente-se a tudo isto o comparecimento não só de *outros* pessoas que vão surgindo ao lado do Senhor Soares — Vicente Guedes, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e até o próprio Pessoa (perceptível em parte nas franjas significativas acarretadas pelo episódio da assinatura do Senhor Soares «às avessas, e ao invés» [Cláudio

2008: 19]), mas também do *outro* Claudiano, verdadeiro “projeto heteronímico” do autor: o “viajante” Tiago Veiga.

6. Lembra, a este propósito, Daniel-Henri Pageaux que «Mário Cláudio escolheu o risco permanente: o de cair [...] na reprodução, na imitação e naquilo que ela tem de mais simplista: a cópia do modelo»; contudo, sublinha: «[...] ao mesmo tempo, escolheu o caminho que lhe permite chegar à re-criação, a partir de um trabalho exigente, a que se poderá chamar “poético”, no sentido etimológico do termo» (Pageaux 2018: 149-150). É essa “re-criação” justificada pelo próprio Mário Cláudio, quando alerta para a circunstância de o «autor» ser sempre «um “outro”, [...] uma máscara» (Morgado 1999: 48) e da necessidade de o leitor compreender que o texto literário suscita «leituras diferentes ao longo dos tempos» (Castro 1999: 24).

Significativa é essa ideia central que distingue umbilicalmente a novela *Boa Noite, Senhor Soares*, mas também o *Livro do Desassossego*: a valorização da expressão literária, só desse modo se tornando “real” a vida com a literatura. Por essa ideia se poderá entender que ambos os textos acabam por corporizar um objetivo de vida de Bernardo Soares e de Mário Cláudio: viver pela escrita. Escrever é, portanto, a “vida” dos dois. E é no palco da expressão literária que o problema da definição do *eu* se coloca de forma mais premente. Bernardo Soares considera-o, ao defender que, na Literatura, «Há metáforas que são mais reais do que a gente que anda na rua» (LD, 157), ou que «Só os [...] [seus] amigos espectrais e imaginados, só as [...] [suas] conversas decorrentes em sonho, têm uma verdadeira realidade e um justo relevo [...]» (LD, 49).

Por seu lado, Mário Cláudio (a quem o próprio narrador António Felício pede para “re-criar” os factos) percebe-o, ao sustentar a noção segundo a qual «O importante é acreditar que em cada escrita há várias frequências de leitura» (Castro 1999: 24).

Pode dizer-se, assim, que nos encontramos numa importante etapa de clarificação da novela *Boa Noite, Senhor Soares* e do *Livro do Desassossego*, pelo dinamismo vital que neles é suscetível de perspetivar no que à *representação* literária diz respeito.

Mais do que qualquer *outro eu* pessoano, é Bernardo Soares quem postula com mais insistência e vigor essa atitude: interpreta o seu «livro casual e meditado» (LD, 13) como de alguém que se afirma no anonimato e no isolamento dos seus sonhos e do seu quarto. Para este “transeunte eterno por si mesmo” (LD, 138), para este «transeunte de corpo e alma por estas ruas baixas que vão dar ao Tejo» (LD, 73), a literatura não tem outro fim que não a vivência da liberdade pelo (e no) ato de escrever, atributos que empresta ao “sonhador”. Para este «transeunte de tudo» (LD, 208), não interessa «convencer o alheio entendimento», nem «mover a alheia vontade» (LD, 1).

É (também) por este prisma que deve ser avaliado o *Livro do Desassossego*, de acordo com a cláusula literária que decididamente o coloca numa relação com o real, é certo, mas, acima de tudo, numa relação de disjunção dessa mesma realidade.

De igual modo, deve ser por esse ângulo entendido *Boa Noite, Senhor Soares*, conforme à propensão da escrita literária, que impõe o texto literário, ficcional, como produto com um “valor absoluto”, produto esse que apresenta o valor essencial não de se substituir à vida, mas de a complementar, *representando*, assim, uma *realidade essencial* (ainda que essa representação possa envolver juízos morais em relação a ela); e o que, sobretudo, vale no texto literário não é tanto a primeira impressão, ou a primeira intuição, ou a primeira sensação, antes o uso que delas o escritor leva a cabo. Daí poder dizer-se que o texto literário *representa*, torna de novo presente, *recria* um “ideal”.

7. A partir daqui, e em conclusão, é possível ligar a essência literária do *Livro do Desassossego* e do livro *Boa Noite, Senhor Soares* à conceção figurativamente deífica dos sujeitos que os escrevem, considerando-se por essa conceção o modo como o escritor promove as formas representativas da verdade literária, que mais não é do que a amplificação de o ‘eu’ se “ver nitidamente” (LD, 512-b). Mário Cláudio reforçou esta ideia, quando disse que, por vezes, «nas entrelinhas lêem-se coisas que as linhas não consentem, indo-se muito para além delas» (Morgado 1999: 48), ou quando partilhou da noção de trabalho literário como «escavação da arqueologia», «situada a

meio caminho entre uma determinada modalidade de ressurreição [...] e uma espécie de fracasso da coragem» (Cláudio 2011: 63);

Bernardo Soares por seu lado, quando remeteu para a consciencialização literária do escritor, esse *pequeno deus que viaja literariamente*; ou, como ele diz, e concluo:

O próprio Eu, o de cada um de nós, é talvez uma dimensão divina. Tudo isto é complexo e a seu tempo, sem dúvida, será determinado. Os sonhadores actuais são talvez os grandes precursores da ciência final do futuro. Não creio, é claro, numa ciência final do futuro. Mas isso nada tem para o caso (LD, 76).

## Referências bibliográficas

- Álvaro Manuel MACHADO, *Culto do lúdico, heteronímia e espírito do lugar em Mário Cláudio*, in «Revista do Centro de Estudos Portugueses», V.38/ N°59 (2018), pp. 11-21.
- Ana Paula ARNAUT, *O Senhor Soares*, in *Dicionário de personagens da Ficção Portuguesa*, a cura di Carlos Reis. <<http://dp.uc.pt/conteudos/entradas-do-dicionario/item/1013-senhor-soares>>
- Ana Paula ARNAUT, *Três homens e um livro: boa noite, Senhor Soares de Mário Cláudio*, in *Norma e transgressão. 2*, a cura di Carmen Soares, Maria do Céu Fialho, María Consuelo Alvarez Morán, Rosa María Iglesias Montiel, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2011, pp. 201-213.
- Cristina PETRESCU, *Tiago Veiga: para uma nova teoria da heteronímia*, in «Ricognizioni. Rivista di lingue, letterature e culture moderne», 16 (2011), pp. 89-111.
- Daniel-Henri PAGEAUX, *Um Passeio pela Escrita de Mário Cláudio: a Ficção como Meditação sobre a Escrita*, in *Vida e Obra de Mário Cláudio*, a cura di Carla Sofia Gomes Xavier Luís; Alexandre António da Costa Luís; Miguel Real, Porto/Covilhã, Fundação Engenheiro António de Almeida e Universidade da Beira Interior, 2018, pp. 143-156.
- Isabel LUCAS, *Quem escreve mal pensa mal*, Entrevista com Mário Cláudio, in «Diário de Notícias» (4 de junho de 2008), pp. 43-44. <<https://www.dn.pt/arquivo/2008/quem-escreve-mal-pensa-mal-992742.html>>
- Isabel PONCE DE LEÃO, *Quando a Vida é Obra!*, in *Vida e Obra de Mário Cláudio*, a cura di Carla Sofia Gomes Xavier Luís; Alexandre António

- da Costa Luís e Miguel Real, Porto/Covilhã, Fundação Eng. António de Almeida / Universidade da Beira Interior, 2018, pp. 35-41.
- J. R. SEARLE, *Le statut logique du discours de la fiction*, in *Sens et expression. Études de théories des actes du langage*, Paris, Éditions du Seuil, 1982, pp. 101-119.
- João MORGADO, *Entrevista e Mário Cláudio por João Morgado*, in *Mário Cláudio. 30 Anos de Trabalho Literário (1969-1999)*, a cura di Laura Castro, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida/ Livraria Modo de Ler, 1999, pp. 45-52.
- José Cândido de Oliveira MARTINS, *Entrevista a Mário Cláudio*, in «Revista do CESP», Belo Horizonte, V.38/N.59 (2018), pp. 133-143.
- José Emanuel Coelho VIEIRA, *Bernardo Soares – p(P)essoa de livro e livros de P(p)essoa*, Dissertação de Mestrado, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2014.
- Mário CLÁUDIO, *Boa noite, senhor Soares*, Lisboa, Dom Quixote, 2008.
- Mário CLÁUDIO, *Tiago Veiga — Uma Biografia*, Lisboa, Dom Quixote, 2011.
- Mário Cláudio. 30 Anos de Trabalho Literário (1969-1999)*, Coordenação e recolha de textos de Laura Castro, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida/ Livraria Modo de Ler, 1999.
- Martinho SOARES, *O essencial sobre Mário Cláudio*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019.
- Pedro Dias de ALMEIDA, *A escrita é um susto*, Entrevista com Mário Cláudio, in «Visão» (5 de junho de 2008), pp. 154-156 <<https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2008-06-04-a-escrita-e-um-sustof520840/>>
- Regina MICHELLI, *Fios entretecendo histórias e escritores, Fernando Pessoa e Mário Cláudio. Resenha a Boa noite, senhor Soares*, in «O Marrare, Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ», N.11 (2009), pp. 108-112.
- Revista do Centro de Estudos Portugueses*, V.38/N.59 (jan./jun. 2018).
- Ruí LAGARTINHO, *Sou incapaz de desinventar completamente uma vida*, Entrevista com Mário Cláudio, in «Público/Ípsilon» (25 de junho de 2010), <<http://ipsilon.publico.pt/livros/entrevista.aspx?id=288369>>
- Thiago Lins da SILVA, *Travessias de um desassossegado: Mário Cláudio e a fortuna criadora de Boa noite, Senhor Soares*, in «dEsEnrEdoS», Ano III, N.9 (abril-maio-junho 2011), pp. 3-11.
- Vergílio FERREIRA, *Conta Corrente 2 (1977-1979)*, 3.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1990.

## Mário Cláudio e Salazar: léxico e retórica política em *Tocata para Dois Clarins*

Gabriela Iurcev  
Università degli Studi di Padova

### 1. *Tocata para Dois Clarins e a retórica do poder: violência discursiva e assimilação da retórica*

*Tocata para Dois Clarins*, já na sua epígrafe, inaugura a retórica do poder, citando um fragmento do discurso salazarista que tem por título “800 Anos de Independência”, pronunciado no dia 4 de Junho de 1940, começo das festas centenárias, na cerimónia comemorativa da fundação da nacionalidade:

Cada um deu, na modéstia ou grandeza dos seus préstimos, tudo quanto pôde, e por esse tudo lhe somos gratos. Do fundo, porém, dos nossos corações, não podem deixar de erguer-se, ao comemorarem-se oito séculos de História, hinos de louvor aos homens mais que todos ilustres que os encheram com os seus feitos (Salazar 2016: 444).

Como romance histórico, *Tocata para Dois Clarins* explora a maneira como o regime salazarista se aproveitava de uma iconografia baseada na época dos Descobrimentos para criar uma mitologia segundo a qual Portugal era divinamente escolhido para ser um poder imperial (Sapega 1996: 107). Nesse sentido, a obra, no seu intento subversivo, expressa o esfacelamento interior das personagens provocado pela violência discursiva a que foram submetidos durante quatro décadas. Nas palavras de Maria Beatriz Bastos: